



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v6n1p23-34

---

**COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS SOBRE O “ARMÁRIO”: AS CONVERSAS *ONLINE* COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL NA CIBERCULTURA**  
**SHARING “COMING OUT OF THE CLOSET” EXPERIENCES: ONLINE CONVERSATIONS AS A METHODOLOGICAL PROCEDURE OF HISTORICAL-CULTURAL RESEARCH IN CYBERCULTURE**  
**COMPARTIENDO EXPERIENCIAS SOBRE EL “ARMARIO”: LAS CONVERSACIONES *ONLINE* COMO PROCEDIMIENTO METODOLÓGICO DE INVESTIGACIÓN HISTÓRICO-CULTURAL EN LA CIBERCULTURA**

---

Dilton Ribeiro do Couto Júnior<sup>1</sup>

Helenice Mirabelli Cassino Ferreira<sup>2</sup>

Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald<sup>3</sup>

## RESUMO

Fruto de pesquisa de doutorado recentemente concluída, este texto propõe discutir a importância das conversas *online* como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. O trabalho foi fundamentado teórico e metodologicamente nos conceitos de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin, fundamentais na interpretação do material empírico produzido com um grupo de jovens no Facebook que não se identifica com a heterossexualidade. Gênero, sexualidade e as experiências no/com o “armário” foram

alguns dos temas discutidos com os sujeitos ao longo do trabalho de campo, evidenciando a centralidade das conversas *online* no estreitamento dos vínculos sociais e afetivos entre/com o grupo de jovens internautas.

## PALAVRAS-CHAVE

“Armário”. Metodologia. Dialogismo. Alteridade.

## ABSTRACT

As a result of a recent doctoral research, this paper aims to discuss the importance of online conversations as a methodological procedure of historical-cultural research in cyberculture. The work was theoretically and methodologically based on Mikhail Bakhtin's concepts of dialogism and otherness, which are fundamental in the interpretation of the empirical material produced with a group of young people on Facebook that do not identify themselves as heterosexuals. Gender, sexuality and experiences in/with "coming out of the closet" were

some of the topics discussed with the subjects throughout the field work, which evidenced the centrality of online conversations in narrowing social and affective bonds between/with the group of young Internet users.

## KEYWORDS

"Closet". Methodology. Dialogism. Otherness.

## RESUMEN

Fruto de una investigación de doctorado recién concluida, este texto propone discutir la importancia de las conversaciones *online* como procedimiento metodológico de la investigación histórico-cultural en la cibercultura. El trabajo se fundamentó teórica y metodológicamente en los conceptos de dialogismo y alteridad de Mikhail Bakhtin, fundamentales en la interpretación del material empírico producido con un grupo de jóvenes en Facebook que no se identifica con la heterosexualidad. Género, sexualidad y las experiencias en/con el "armario" fueron algunos de los temas discutidos con los sujetos

a lo largo del trabajo de campo, evidenciando la centralidad de las conversaciones *online* en el estrechamiento de los vínculos sociales y afectivos entre/con el grupo de jóvenes internautas.

## PALABRAS-CLAVE

"Armario". Metodología. Dialogismo. Alteridad.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas ciências exatas, o pesquisador encontra-se diante de um objeto mudo que precisa ser contemplado para ser conhecido. O pesquisador estuda esse objeto e *fala sobre ele ou dele*. Está numa posição em que fala *desse objeto* mas não *com ele*, adotando, portanto, uma postura *monológica*. Já nas ciências humanas, seu objeto de estudo é o homem, “ser expressivo e falante”. Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*<sup>1</sup>.

Maria Teresa de Assunção Freitas

Pesquisar na cibercultura com o apoio teórico-metodológico da abordagem histórico-cultural, da qual Mikhail Bakhtin é um dos representantes, é uma opção que coloca como diretriz central da pesquisa a relação dialógica entre pesquisador e pesquisados, o que pressupõe que a alteridade ocupe lugar privilegiado na investigação. Sendo assim, os sentidos produzidos entre duas ou mais consciências são permanentemente negociados e ressignificados na medida em que nos colocamos disponíveis e sensíveis ao que o outro tem a partilhar. Isso não significa sempre concordar com nossos pares ao interagirmos nas redes *online*, uma vez que essa interação é feita de encontros e diálogos nem sempre harmônicos.

No entendimento de Bakhtin, o diálogo “é muito mais uma arena” (AMORIM, 2008, p. 107) envolvendo discussões nem sempre alinhadas com o pensamento do outro. Podemos entender, sob essa ótica, que tanto o encontro e conseqüente diálogo entre os sujeitos da pesquisa como entre pesquisador e pesquisados ocorrem em meio a tensões que atestam/confirmam a presença do outro.

Embora as teorias de Bakhtin tenham sido construídas em torno da produção literária, a aproximação e apropriação que fazemos delas para pensar a pes-

quisa nas Ciências Humanas nos ajuda a entender as especificidades da relação entre sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, e os discursos produzidos na decorrência de tal relação. Como aponta Amorim (2008), o diálogo que se estabelece entre os textos de um e de outro é o que se constitui como material da pesquisa, expressando a diferença e a tensão entre os olhares, sem que um apague o outro. Estabelece-se, dessa forma, uma postura ética implicada com a horizontalidade das vozes e com o lugar social ocupado por cada um dos sujeitos.

Histórias, narradas sob diversos pontos de vista, proliferam a cada instante na internet e constituem um verdadeiro convite para o fortalecimento de vínculos sociais e afetivos entre grupos de internautas. Imagens e vídeos digitais, *upload*, *download*, *hiperlinks*, aplicativos (apps), mobilidade, ubiquidade, *Web 2.0*, *chat*, redes sociais *online* etc., fazem parte da cena contemporânea, na qual as práticas sociais vêm cada vez mais sendo mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Com isso, ampliam-se as possibilidades metodológicas à disposição do pesquisador que busca investigar os recentes fenômenos comunicacionais engendrados pelas práticas ciberculturais.

Pesquisar a/na cibercultura traz singularidades que precisam ser ressaltadas, como a velocidade das transformações tecnológicas, que operam mudanças estruturais nas sociedades e nos modos de subjetivação dos sujeitos, obrigando-nos também a (re)pensar os modos de pesquisar (FERREIRA, 2014). Além disso, é preciso considerar as tensões entre familiaridade e estranhamento para transitar em meio às temáticas de nosso próprio tempo. Entender que ser contemporâneo é não coincidir com seu tempo, como aponta Agamben (2009), é tarefa do pesquisador que tenta se colocar na dobra ou na fratura do tempo presente para refletir sobre o vivido e o não vivido na contemporaneidade.

O desenvolvimento tecnológico alterou as formas de comunicação e informação e, assim, pensar as

1. Freitas (2002, p. 24, grifos da autora).

questões que se apresentam nos contextos sociotécnicos nos quais estamos imersos, implica considerar novas produções de subjetividades, diferentes linguagens e formas de socialização. Nesse sentido, “talvez o maior desafio para os pesquisadores das Ciências Humanas na atualidade seja a construção de metodologias que levem em conta essas múltiplas e híbridas formas de comunicar-se” (AGAMBEN, 2009, p. 37).

Uma vez que nos constituímos seres expressivos e falantes (BAKHTIN, 2011; FREITAS, 2002), como os internautas constituem suas subjetividades ao participarem ativamente do processo colaborativo da escrita *online*? Cabe refletirmos em torno da centralidade da palavra escrita numa época em que permanecemos cada vez mais interconectados com outros internautas, compartilhando e produzindo na/em rede “textos repletos de siglas, figuras de linguagens, neologismos e os tão conhecidos *emoticons* – criados a partir do uso dos sinais de pontuação, números e letras e expressam, num determinado momento, o sentimento e o humor do internauta” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 90, grifo do autor).

Dessa forma, defendemos neste trabalho que as práticas da escrita *online* emergem porque os seres humanos têm a necessidade “de permanecerem juntos, conectados, criando, cocriando saberes na medida em que estabelecem novas formas de sociabilidade” (OSWALD; COUTO JUNIOR; WORCMAN, 2014, p. 16). Frente aos processos colaborativos de ensinar-aprender que vêm emergindo no contexto das dinâmicas comunicacionais das diversas redes sociais da internet, parece fundamental reconhecer também o quanto importante é a dimensão política proporcionada pela liberdade de expressão engendrada pelas interfaces digitais, tornando cada internauta um produtor em potencial de conteúdos para a rede (PRIMO, 2013).

Com a popularização de redes sociais *online* como o Twitter e o Facebook, as sociabilidades juvenis vêm se potencializando e agregando sujeitos geograficamente dispersos de diversas regiões do Brasil e do mundo. No caso específico deste texto, fruto de pesquisa de doutorado recentemente concluída, priorizamos focalizar a análise interpretativa de conversas

*online* tecidas com um grupo de jovens internautas que se autodenominam gays/lésbicas/bissexuais e encontram na rede a liberdade para a troca de afetos com seus pares, sentindo-se fortalecidos e empoderados num mundo que almeja, não raramente, invisibilizá-los. Gênero, sexualidade e as experiências no/com o “armário” foram alguns dos principais assuntos discutidos com os sujeitos ao longo do trabalho de campo<sup>2</sup>.

Desenvolvido entre 2013 e 2015, a pesquisa de campo focalizou um grupo fechado no Facebook constituído de cerca de 70 jovens, de diversos estratos socioeconômicos, que estudam numa universidade pública do Rio de Janeiro. Em 2013, ano de entrada em campo, os sujeitos apresentavam idades variando entre 16 e 35 anos. Em função do teor das conversas apresentadas ao longo deste trabalho, optamos pela utilização de nomes fictícios escolhidos pelos próprios participantes do estudo. Essa estratégia metodológica – e, acima de tudo, ética – foi discutida com os jovens pesquisados, que concordaram com a importância da utilização de nomes fictícios uma vez que muitos deles ainda encontram no “armário” certa segurança pessoal para não serem hostilizados em seus respectivos contextos familiares e profissionais.

O texto foi fundamentado teórico e metodologicamente nos conceitos de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin e seus interlocutores, fundamentais na análise interpretativa do material empírico produzido com os sujeitos no Facebook. Somando-se a isso, nos amparamos teoricamente nas contribuições de pesquisadores do campo de estudos de gênero e sexualidade que discutem as experiências do “armário” na vida das pessoas que são colocadas na condição de “desviantes” das normas regulatórias de gênero. Dessa forma, a proposta deste texto é discutir a importância das conversas *online* como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura, focalizando as discussões realizadas com os sujeitos em torno de suas lembranças e experiências do/com o “armário”.

---

2. O primeiro autor deste texto conduziu o trabalho de campo da pesquisa.

As chamadas “minorias”<sup>3</sup> sexuais encontram-se permanentemente na mira das ameaças sociais, que as forçam a permanecerem no “armário” porque sua mera existência coloca em risco o tradicional sistema sexo/gênero. O “armário” regula a vida das pessoas não-heterossexuais, e “até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p. 22). A necessidade pela discriminação é criada com a intenção de buscar, nem sempre com êxito, despistar o olhar discriminatório e preconceituoso que incide sobre os corpos.

No Brasil, diante do “pânico da homossexualidade [...]”, é compreensível a busca de proteção que cobra o custo de ter a vida pessoal cindida em duas” (MISKOLCI, 2007, p. 60). O regime heterocentrado (PRECIADO, 2014) rastreia e detecta todas as masculinidades e feminilidades consideradas “defeituosas” e tenta, a todo custo, “corrigir” os comportamentos sociais que não condizem com o gênero do sujeito (BUTLER, 1993). Em resposta às constantes ameaças da ordem heterossexual, muitos sujeitos, estrategicamente, precisam “aprender a se esconder” (BRITZMAN, 1996, p. 83).

Aprender a conviver com o segredo da experiência no “armário” certamente é menos sofrido na medida em que partilhamos, com outros internautas, nossas experiências pessoais. Em tempos de cibercultura, as tecnologias digitais em rede potencializam e ampliam a capacidade do ser humano de acessar informações, interagir com o outro e produzir conhecimento (SANTOS, 2011). Na era da informação, os cidadãos ressignificam suas vidas por meio de um sentimento de pertencimento propiciado pela participação coletiva nas dinâmicas sociais mediadas pelas tecnologias digitais.

Esses sujeitos, ao compartilharem, lágrimas, sonhos e esperanças, “superam a impotência de seu desespero solitário, colocando em rede seu desejo” (CASTELLS, 2013, p. 14). Dessa forma, conforme apresentamos nos inúmeros fragmentos de conversas *online* a seguir, as experiências juvenis compartilhadas

na/em rede sobre o “armário” favoreceram a criação de um sentimento de cumplicidade com/entre os sujeitos pesquisados, igualmente interessados em dizer de si, ouvir as revelações dos outros e, colaborativamente, produzir sentidos sobre as diversas questões que emergiram durante o trabalho de campo.

## 2 CIÊNCIA E VIDA CAMINHANDO JUNTAS NA PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL NA CIBERCULTURA

A conversa *online* como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura parte do pressuposto de que pesquisador e sujeitos dialogam em pé de igualdade, negociando sentidos permanentemente por meio de um encontro, entre uma ou mais consciências, que se instaura dentro da dimensão da horizontalidade das vozes. Essa dimensão horizontal caminha na contramão de posturas de pesquisa que “dão a voz” aos sujeitos, uma vez que se reconhece a legitimidade do dialogismo e da alteridade num encontro com o outro que, *a priori*, já autoriza pesquisador e sujeitos a falarem. Somando-se a isso, os pontos finais são sempre provisórios e não há respostas a serem perseguidas para “validar” aquilo que se sabe, mas busca-se a criação de vínculos entre pesquisados e sujeitos que sejam capazes de “decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações sociais, históricas e culturais” (JOBIM; SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 113).

A conversação na internet é um processo “negociado pelos atores, que segue determinados rituais culturais e que faz parte dos processos de interação social” (RECUERO, 2012, p. 31). Dito isso, o prazer de estar junto, de compartilhar as novidades e os acontecimentos da vida certamente foram alguns dos motivos que desencadearam os tantos diálogos *online* realizados com os jovens no Facebook, durante a realização do trabalho de campo entre 2013 e 2015. A própria constituição de um grupo fechado na refe-

3. O termo “minorias” não se refere a uma quantidade numérica, mas a um valor qualitativo atribuído a determinados grupos sociais (LOURO, 2008).

rida rede social revela o desejo pelo intercâmbio de experiências entre jovens estudantes, que fazem do “armário” um tema de interesse comum pela forma significativa de como ele atravessa o cotidiano desses sujeitos.

**Justgia:** Eu não sei como o grupo [aqui no Facebook] surgiu, um dia me botaram dentro dele

**T.D.:** Acho que foi o **Brandon Stark** quem criou. Ele e a **Thayane** tinham essa ideia há milênios [...]

**Thayane:** Por aí, **T.D.** xD

**Justgia:** Na época que eu era da graduação eram poucos...

**Thayane:** A minha ideia era de que o grupo fosse mais entrosado na faculdade, talvez eu que não seja tão entrosada. Mas sempre achei importante reunir os homossexuais e bissexuais, uma vez que somos minoria e precisamos apoiar um ao outro. Mesmo na Biologia que é bastante liberal comparada com outros grupos de faculdades, de cursos, ainda passamos por ‘diferentes’.

**Dilton:** Eu achei ótima a criação do grupo (me convidaram também um dia por ser namorado do **Dominique**).

**Justgia:** [...] cada um tem o seu tempo de interagir com outros gays e resolver se quer fazer essa declaração pública. Acho que o grupo funciona mais como uma forma de mostrar que estamos aqui, somos parecidos com você e passamos por essas coisas também. Eu não tinha muitos amigos gays quando estava me descobrindo gay e ficou tudo muito mais fácil quando eu conheci pessoas gays. Tudo pela internet

A partir do olhar bakhtiniano, Jobim e Souza e Albuquerque (2013, p. 48) discutem o *mundo da cultura* e o *mundo da vida*; de acordo com essas autoras, é no primeiro que a vida ganha concretude, “ou seja, torna-se objeto do discurso da ciência ou da atividade estética”. Na perspectiva histórico-cultural, ciência e vida caminham juntas porque essa abordagem dialoga com o *mundo da vida*, focalizando na negociação de sentidos produzidos em processos dialógicos e alteritários com os sujeitos. A *vida* fornece questões ao mesmo tempo em que demanda respostas, se constituindo, na ótica bakhtiniana, como o fluxo da dinâmica social; dinâmica responsável pela forma como os sujeitos relacionam-se e constituem-se por meio da linguagem (PEREIRA, 2012).

Isso porque, para Bakhtin, “o homem é histórico-social; ele historiciza a linguagem. A compreensão verbal é processada pelo homem a partir de sua liga-

ção com a vida. Um enunciado se produz num contexto que é social, sempre dialógico, sempre uma relação entre pessoas” (NUNES; KRAMER, 2011, p. 34). Dessa forma, quais aspectos teórico-metodológicos podem ser trilhados com os sujeitos para aproximar a pesquisa ao *mundo da vida*? E como o *mundo da vida* aparece nas pesquisas em educação que focalizam seus esforços teórico-metodológicos nas práticas sociais mediadas pelas interfaces digitais?

A escolha das conversas *online* como procedimento metodológico da pesquisa trouxe a possibilidade para que o grupo no Facebook intercambiasse experiências, com cada integrante, afetando e se deixando afetar pelos inúmeros momentos de interação proporcionados pela liberdade com a qual podemos nos expressar e dialogar nas redes sociais digitais. A conversa *online* fornece visibilidade sobre os assuntos produzidos e compartilhados entre pesquisador e sujeitos. Jobim e Souza e Kramer (2003, p. 15) consideram os sujeitos “produtores de linguagem. Linguagem que os constitui como sujeitos humanos e sociais sempre imersos em uma coletividade”.

Essa coletividade aproxima sujeitos em torno de assuntos de interesse comum, sendo que as interações sociais que mantemos com outros internautas podem apresentar laços fracos ou fortes. Enquanto os primeiros traduzem-se pelas relações esparsas e de pouca proximidade, os segundos requerem tempo para firmarem-se, sendo percebidos por meio de interações sociais mais íntimas (RECUERO, 2005).

Os laços criados entre 2013 e 2015 com cada jovem pesquisado propiciou um sentimento de pertencimento e cumplicidade, favorecendo o intercâmbio de histórias, alegres e sofridas, sobre diversas experiências engendradas pelo “armário”. Ao aceitaram o convite para participar da pesquisa, os vínculos criados com o grupo no Facebook promoveu o encontro de vozes que, não raramente, trouxe à tona situações extremamente delicadas e complexas sobre as sexualidades e, conseqüentemente, sobre a vida dos sujeitos. Não há como negar que “viver no armário é a experiência mais marcante na constituição das subjetividades desses sujeitos de desejos secretos, amo-



res ocultos e relações aprisionadas na intimidade” (MISKOLCI, 2007, p. 59).

Os jovens da pesquisa, longe de se identificarem como “vítimas”, denunciam as normas regulatórias de gênero (re)produzidas pelas diversas instancias sociais por meio de discursos sintonizados com a ótica heteronormativa<sup>4</sup>. Para muitos desses jovens, o “armário” apresenta uma presença formadora significativa em suas vidas, justamente porque o segredo é uma estratégia de proteção que mantém sob sigilo intimidades que não são bem-vindas em contextos homofóbicos (SEDGWICK, 2007). Este cenário torna compreensível a busca por uma proteção que, entretanto, cobra do sujeito o “custo de ter a vida pessoal cindida em duas” (MISKOLCI, 2007, p. 60).

**Ian McKellen:** Hoje vivo duas vidas. A dentro de casa e a dentro da universidade. Inevitavelmente a dentro da universidade se expande cada vez mais pelos ciclos sociais e amizades que a vida de casa se diminui e se torna uma máscara a se vestir por poucas horas.

Por que faço isso? Pq apesar de ter pais que trabalham com arte e em tese são liberais a primeira vez que tiveram contato com isso não souberam lidar mto bem e, eu, na época criança, assustei-me o suficiente pra sentir um desconforto e ver as palavras entalarem sempre que tento ou penso em falar.

Além disso, tenho 2 menores em casa (irmã e agora primo) e sinto medo de influenciá-los ao me assumir. Na verdade, sei que deveria me assumir exatamente pra influenciá-los no sentido de perceber, entender e aceitar a diversidade ... maaaaa não é assim tão fácil ... e seria menos ainda se meus pais não aceitassem bem e ainda pudessem um dia vir a me culpar por ter sido má influencia.

A second life é horrível. Uma bolha sufocante. É não poder entrar muito a vontade no computador em grupos como esse onde eu com certeza gostaria de gastar meu tempo dispensado a inutilidade do facebook.

E aí? second life até quando? Bom, no meu caso pretendo assumir apenas qnd puder cuidar do meu próprio nariz. Sempre disse a mim mesmo que seria qnd tivesse um namorado.

4. Miskolci (2009, p. 157, grifo nosso) aponta que a heteronormatividade “é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo *supostamente* coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade”. Para uma compreensão mais aprofundada sobre como as questões sociais são atravessadas pela heteronormatividade, ver Berlant e Warner (1998), Schlichter (2007) e Cornejo (2013).

Agora tenho um namorado lindo, maravilhoso que me apresentou pra uma filha incrível que me aceitou. Seria justo colocá-lo no “fogo cruzado” do sair do armário só por estar com ele? Não seria isso uma forma de me despir de uma culpa que dizemos não sentir, mas se não é culpa o que é isso?

Se *abrir* para o outro não é tarefa fácil num mundo que busca, incansavelmente, se *fechar* a todas as pessoas que não se envolvem em relações amorosas com o chamado “sexo oposto”. Permanecer no “armário” é uma estratégia de resistência legítima, haja vista as graves reações da homofobia que

[...] se expressam nos [diversos] atos de vigilância e eliminação: atea-se fogo, corta-se, perfura-se, apedreja-se, mata-se. Suplício e exposição deste abjeto como objeto que explicita a punição àquelas e aqueles que cruzam as fronteiras da norma. (POCAHY, 2007, p. 15).

A vigilância constante sobre a forma como fabricamos nossos corpos, gêneros e sexualidades faz com que os sujeitos que integram as chamadas “minorias” sexuais fiquem cada vez mais tempo no “armário” em função do medo de serem “descobertos”. Esse medo, no entanto, diminui na medida em que nos fortalecemos com nossos pares e encontramos na internet a liberdade necessária para que possamos trocar palavras afetivas com outros internautas geograficamente dispersos.

Lemos e Lévy (2010, p. 53), em texto escrito há sete anos, já apontavam que o ciberespaço propiciava a comunicação em escala global pelas “possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede. Exemplos estão em expansão hoje, como comprovam a popularidade de redes sociais como Facebook”. As palavras intercambiadas com os sujeitos da pesquisa propiciaram momentos de encontro implicados num compromisso ético construído ao longo de todo o processo investigativo no Facebook. O desejo pelo compartilhamento de histórias sobre o “armário” constitui-se uma experiência formadora significativa porque trouxe a oportunidade para que pesquisador e sujeitos colocassem em prática uma postura dialógica implicada na troca colaborativa de confidências cotidianas.

**Sofia Madeira:** Minha mãe é maravilhosa me aceita, e ela sempre teve amiga lésbica, então acho que isso nunca foi problema pra ela! Meu pai não liga também e riu da minha cara quando contei. Minha mãe vive chamando minha namorada (que será caloura esse período, inclusive) pra comer lá em casa e tal. O resto da minha família é totalmente oposta, mas quem eu amo e quem realmente me importo com a opinião aceita e me apoia. Sério, acho que sou absolutamente sortuda.

**Dilton:** É muito animador sair do armário. É um peso que sai das costas. Mas tudo tem consequência, né? Ainda mais dependendo da família. Mas não me arrependo mesmo! Meus amigos mais próximos souberam por e-mail ou telefone (e foi o máximo, pq logo quiseram conhecer o **Dominique!**). Muita coisa aconteceu desde então, e mês passado, três anos depois do dia D [da saída do armário], recebi o convite de casamento de um dos meus melhores amigos, da época do Ensino Médio. Na capa do convite, os seguintes dizeres: **Dilton & Dominique.** E seremos padrinhos ^^

**Patrick:** É tanto carinho, amor e liberdade que as vezes eu paro e penso “Por que todas as famílias não são assim?”. Minha família ainda não sabe. Quer dizer, sabe: quando o **Jorge** vai pra casa da minha mãe ela prepara a cama de casal pra gente, coloca lençóis novos e vira e mexe no meio de uma conversa e outra e solto um “Amoor, lembra que você me disse...” hahaha. Sim, ok. Ela sabe! Hahahahaha

**Dilton:** hahahaha muito boa a sua história, **Patrick!** O importante é estar com quem nós amamos. Afinal, para que dizer que é gay se a família já conhece o(a) namorado(a) e convive constantemente com ele(a)?

Segundo Bakhtin (2011, p. 399), “nas lembranças levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado”. O aspecto de inacabamento do passado é um dos pilares fundantes da perspectiva histórico-cultural porque a instauração do diálogo implica necessariamente no compartilhamento de dizeres que ecoam acontecimentos passados. Em outras palavras, num contexto dialógico, a primeira e a última palavra não existem, uma vez que já nascem de um acontecimento passado (BAKHTIN, 2011).

De acordo com Bakhtin (2008, p. 293), “ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não pode nem deve terminar”. Assim, o grande desafio

para a pesquisa ancorada na abordagem histórico-cultural está no exercício de ouvir as diferentes vozes e, a partir daí, enxergar diferentes horizontes, num encontro dialógico *com* o outro que afeta e enriquece todos os envolvidos. Dessa forma, o encontro *com* o outro é pensado como instaurador de uma ética ao reconhecermos que cada momento de interação, cada palavra trocada, adentra o campo das descobertas, fazendo com que as questões tecidas no decorrer do trabalho de campo não possam ser antecipadas (PEREIRA, 2015).

### 3 O COMPROMISSO ÉTICO DA PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL: PALAVRAS FINAIS

Ao discorrer sobre a pesquisa na perspectiva histórico-cultural, Freitas (2007) observa que esta representa uma alternativa para produzir conhecimento no campo das Ciências Humanas. A autora defende a necessidade de colocarmos em prática uma postura dialógica e alteritária na qual a interação com os sujeitos ocorra mediante uma relação horizontalizada, rompendo com a visão de que o pesquisador é aquele que “detém todas as respostas” e o responsável apenas pela “formulação de perguntas”. A partir dessa visão, entendemos que a fonte de dados é tecida *com* os sujeitos envolvidos, numa relação de pesquisa na qual pesquisador e pesquisados saem modificados desse processo.

É, como já foi dito, uma postura ética, que considera o investigado como sujeito que possui uma voz e é capaz de construir conhecimento sobre sua realidade, tornando-se coparticipante e coautor. Também nesse sentido, aprendemos com Bakhtin (2011, p. 400, grifo do autor) que o sujeito “não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*”.

Empoderamento, vivências, trocas e afetos constituem-se algumas das palavras-chave da pesquisa his-



tórico-cultural, cuja ética construída ao longo de todo processo investigativo *com* os sujeitos vai muito além da mera autorização burocrática que envolve o tão conhecido “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (PEREIRA, 2015). A ética que perpassa a escolha da conversa *online* como procedimento metodológico desta pesquisa envolveu o caráter responsivo com as palavras escritas para o outro durante o trabalho de campo e a(s) forma(s) como nos apropriamos da palavra do outro no texto escrito da pesquisa.

Dito isso, assumir o dialogismo e a alteridade na pesquisa histórico-cultural na cibercultura implica a preocupação constante sobre o ato de “pensar o *sentido* da pesquisa científica e as *condições* em que se dá o encontro de pesquisa. Pensar o sentido da pesquisa como instauração de uma ética implica indagar sobre o ‘Para quê?’ pesquisamos” (PEREIRA, 2015, p. 61, grifos nossos).

Conforme mencionado anteriormente, as conversas *online* apresentadas ao longo deste artigo constituem o trabalho de campo de pesquisa de doutorado recentemente concluída. Essas conversas, ao fornecerem visibilidade às lembranças do “armário” compartilhadas com um grupo de jovens na internet, agora permitirão que outros leitores possam atribuir novos sentidos às palavras intercambiadas entre 2013 e 2015 no Facebook. Pelo procedimento metodológico da conversa *online*, compartilhar lembranças sobre o “armário” com os sujeitos participantes do estudo proporcionou a criação de estratégias de resistência e empoderamento por meio dos vínculos criados na rede.

A relação de amizade cultivada em campo “é o ponto fundante da construção de uma ética que pressupõe a necessidade da existência do outro e reconhece na alteridade a verdade da insuficiência do si-mesmo” (PASSOS; PEREIRA, 2015, p. 164). O encontro com o outro na internet, ao ser cultivado pelas relações de amizade, de cumplicidade e da horizontalidade da palavra, é capaz de transformar pesquisador e sujeitos, porque cada palavra escrita torna-se um convite para que, colaborativamente, novos sentidos sejam produzidos sobre as diversas experiências cotidianas vividas.

Esta pesquisa contou com a participação de diversos colaboradores, dentre eles um pesquisador do campo da literatura, que trouxe contribuições importantes a diversos textos fruto da tese, indo muito além da mera revisão ortográfica da língua portuguesa. No início de 2017 recebemos um e-mail<sup>5</sup> deste profissional, que compartilhou a experiência positiva de ter ressignificado o olhar sobre si e sobre a vida em função da leitura das conversas *online* que foram estabelecidas com os sujeitos no Facebook. As vozes dos sujeitos da pesquisa agora ecoam nas lembranças deste profissional, que se dispôs a compartilhar conosco, via internet, um “segredo” que até pouco tempo só era guardado para si...

Saiba que ter a experiência de ler você foi uma imensa ajuda no meu processo de formação de identidade. Durante as revisões [de seus trabalhos] passei por um processo doloroso de transformação. Adoei, divorciei, aceitei-me. Cada texto seu [fruto da tese] impulsionou-me para a decisão de ser feliz! Hoje estou caminhando nessa jornada da vida com um companheiro. E sua tese, de certa forma, empoderou-me.

A leitura deste e-mail revela o quão potente são as palavras escritas e compartilhadas na/em rede pelos sujeitos durante o trabalho de campo. Se “o nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros” (BAKHTIN, 2008, p. 223), com este e-mail reconhecemos novamente o quanto a palavra escrita nos afeta e transforma nossa percepção sobre o mundo. Não há como negar que nos fortalecemos nas experiências passadas para (re)pensar o futuro, uma vez que a relação estabelecida com nossos tantos outros abre possibilidades para construir um futuro outro por meio da ressignificação do passado (GERALDI, 2016).

Dessa forma, almejamos que as experiências compartilhadas sobre o “armário” no trabalho de tese possam promover outras tantas mudanças significativas na vida de novos leitores, ávidos para conhecer histórias e vivências trocadas durante inúmeros momentos de interação no Facebook. Que outros tantos “armários” sejam colocados de lado para que novos leitores adentrem a cena contemporânea empoderados...

5. Foi-nos concedida autorização para que o e-mail integrasse as páginas finais deste texto.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesto. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p.95-114.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in public. **Critical Inquiry**, Chicago, v.24, n.2, p.547-566, 1998.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.21, n.1, p.71-96, jan-jun. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BUTLER, Judith. Critically queer. GLQ. **A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v.1, n.1, p.17-32, nov. 1993.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. Tradução de Larissa Pelúcio. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.73-82.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Etnografia virtual e as contribuições de Mikhail Bakhtin na Pesquisa com internautas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.14, n.31, p.83-94, maio-ago. 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24330/17308>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. **Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UERJ, 2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.21-39, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2007. p.26-38.

GERALDI, João Wanderley. Os perigos do amor. **RevistAleph**, Niterói, ano XIII, n.25, p.1-11, maio 2016. Disponível em: <<http://revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/view/331/238>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

JOBIM E SOUZA, Solange; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.7, n.2, p.109-122, jul-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

JOBIM E SOUZA, Solange; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. Bakhtin e Pasolini: vida, paixão e arte. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.).

**Educação, arte e vida em Bakhtin.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.47-68.

JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita dos professores. In: KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). **História de professores:** leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 2003. p.13-42.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2, p.17-23, maio-ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

MISKOLCI, Richard. Comentário [sobre A Epistemologia do Armário de Eve Sedgwick]. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.28, p.55-63, jan-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/04.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n.21, p.150-182, jan-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Linguagem e alfabetização: dialogando com Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p.26-47, jan-jul. 2011. Disponível em: <[http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n11/linguagem\\_e\\_alfabetizacao.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n11/linguagem_e_alfabetizacao.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2017.

OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; WORCMAN, Karen. Apresentação: potencialidades e desafios das

escritas de si na internet. In: OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; WORCMAN, Karen (Org.). **Narrativas digitais, memórias e guarda.** Curitiba: CRV, 2014. p.13-23.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Sobre encontros e amizades: a horizontalidade na pesquisa em educação. In: LEITE, Miriam; GABRIEL, Carmem Teresa (Org.). **Linguagem, discurso, pesquisa e educação.** Petrópolis-RJ: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p.149-169.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Org.). **Infância em pesquisa.** Rio de Janeiro: Nau, 2012. p.59-86.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo Sem Fronteiras**, v.15, n.1, p.50-64, jan-abr. 2015. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/pereira.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

POCAHY, Fernando. Notas sobre homofobia/heterossexismo. In: PASINI, Elisiane (Org.). **Educando para a diversidade.** Porto Alegre: nuances, 2007. p.13-16.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2013. p.13-32.

RECUERO, Raquel. Redes sociais no ciberespaço: uma proposta de estudo. In: Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio

de Janeiro: ECO, 2005, 15p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0096-1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias:** desafios à Pós-graduação em

Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p.75-98.

SCHLICHTER, Annette. Contesting “straights”: “lesbians”, “queer heterosexuals” and the critique of heteronormativity. **Journal of Lesbian Studies**, v.11, n.3-4, p.189-201, 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, p.19-54, jan-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

---

Recebido em: 4 de Junho de 2017  
Avaliado em: 3 de Agosto de 2017  
Aceito em: 3 de Agosto de 2017

---

1. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), com bolsa CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC) e do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni). E-mail: junnior\_2003@yahoo.com.br

2. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC). E-mail: tucassino@gmail.com

3. Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC). E-mail: moswalduerj@yahoo.com.br